




A natureza entre o rural e o urbano: educação ambiental e fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento

The nature between rural and urban: environmental education and manufacture of a speech in the HQS Chico Bento

La naturaleza entre lo rural y lo urbano: educación ambiental y fabricación de un discurso en las historietas de Chico Bento

Sérgio Ronaldo Pinho Junior - Universidade Federal do Rio Grande | Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação | Rio Grande | RS | Brasil. E-mail: spinhojr@gmail.com 

Paula Corrêa Henning - Universidade Federal do Rio Grande | Instituto de Educação | Rio Grande | RS | Brasil. E-mail: paula.c.henning@gmail.com 

Virgínia Tavares Vieira - Universidade Federal do Rio Grande | Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação | Rio Grande | RS | Brasil. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br 

Resumo: O presente artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo em torno do conceito de natureza veiculado nas histórias em quadrinhos (HQs) do personagem Chico Bento, bem como suas relações com as concepções presentes no campo de saber da Educação Ambiental (EA). Com a intenção de problematizar a forma como as HQs, por meio do discurso de natureza, vêm contribuindo para pensarmos sobre EA, selecionaram-se histórias do Chico Bento que fazem referência à natureza, publicadas entre os anos de 2009 e 2013. A partir de autores como Michel Foucault, Isabel Carvalho, Leandro Guimarães, Mônica Meyer, Keith Thomas, Raymond Williams, entre outros, foram analisadas as enunciações de natureza presentes neste corpus de análise. Assim, este artigo problematiza um enunciado que constitui o discurso de natureza e EA por meio das histórias em quadrinhos: a natureza constituída nos deslocamentos operados pelas diferenças culturais entre as realidades rural e a urbana.

Palavras-chave: Educação ambiental. Análise do discurso. Natureza. Histórias em quadrinhos.

Abstract: This paper aims to establish a dialogue around the concept of Nature from the analysis of the forms of discourse conveyed in the comic book character of Chico Bento and his relations with the concepts present in the field of knowledge of environmental education (EE). With the intention to problematize the way in which the comics have contributed to think about EE, through the nature discourse, Chico Bento stories published between the years of 2009 and 2013 which refer to nature. From authors such as Michel Foucault, Isabel Carvalho, Leandro Guimarães, Monica Meyer, Keith Thomas, Raymond Williams, among others, were analyzed as enunciations of nature present in the corpus of analysis. Thus, this article problematizes a statement that constitutes the discourse of nature and EE through comic books. The nature constituted in the displacements operated by the cultural differences between realities the rural and the urban.

Keywords: Environmental education. Discourse analysis. Nature. Comic books.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo establecer un diálogo acerca del concepto de naturaleza vehiculado en las historietas del personaje Chico Bento y sus relaciones con las concepciones presentes en el campo de saber de la Educación Ambiental (EA). Con la intención de problematizar la forma como las historietas, por medio del discurso de naturaleza, contribuyen para que pensemos sobre EA, se han elegido historias de Chico Bento que hacen referencia a la naturaleza, publicadas entre los años de 2009 y 2013. A partir de autores como Michel Foucault, Isabel Carvalho, Leandro Guimarães, Mônica Meyer, Keith Thomas, Raymond Williams, entre otros, fueron analizadas las enunciaciones de naturaleza presentes en este *corpus de análisis*. Así que, este artículo problematiza un enunciado que constituye el discurso de naturaleza y EA por medio de las historietas: la naturaleza constituída en los desplazamientos operados por las diferencias culturales entre las realidades rural y urbana.

Palabras clave: Educación ambiental. Análisis del discurso. Naturaleza. Historietas.

• Recebido em 12 janeiro de 2019 • Aprovado em 1 de fevereiro 2019 • e-ISSN: 2177-5796

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n1p117-136>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaonal da CreativeCommons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devido créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma das formas de constituição de um discurso de natureza apresentado na atualidade presente nas histórias em quadrinhos (HQs) do personagem Chico Bento, criado pelo jornalista e cartunista Maurício de Sousa. Entendemos que tal constituição produz desdobramentos que definem a atualidade, a qual se faz/está/tem sido marcada por dilemas e preocupações contemporâneas. Dessa maneira, o discurso fabricado nas HQs vai ao encontro de manifestações dos educadores ambientais, ecologistas e políticos, além de outros atores sociais que movimentam o mundo em que vivemos. Assim, a partir de enunciações selecionadas nas HQs do Chico Bento, analisamos a constituição de um enunciado do discurso de natureza através do dito e do visível entre o rural e o urbano apresentados por esse personagem.

Para isso é preciso destacar que as histórias em quadrinhos (HQ), desde seu surgimento, têm despertado o olhar de um público infantojuvenil e adulto, se destacando como um artefato cultural capaz de capturar e constituir formas de compreender o que está posto como realidade. Nesse sentido, tratamos essa produção literária como um artefato cultural e midiático potente na (re) produção de saberes e verdades que nos interpelam, nos educam e nos constituem enquanto sujeitos de um determinado tempo social. Vale destacar as histórias desse personagem circulam em mais de 120 países, entre eles: Itália, Portugal, Rússia, China, etc., além do Brasil. Assim, foram selecionados como fonte para esta pesquisa os gibis do Chico Bento publicados pelo grupo Maurício de Souza Produções (MSP) e editados pela Panini Comics desde 2007. As HQs analisadas no *corpus* empírico a seguir foram escolhidas entre publicações de janeiro de 2009 até dezembro de 2013. São edições publicadas em três versões: Chico Bento (edição mensal), Almanaque do Chico Bento (edição bimestral) e Chico Bento (Turma da Mônica coleção Histórica - bimestral). Tratam-se de três séries de gibis com histórias em quadrinhos (HQ) constantemente direcionadas por temas relacionados à natureza e que são visíveis de diferentes formas.

De acordo com parâmetros de organização e classificação estabelecidos na modernidade, é necessário educar os indivíduos para que tenham consciência, sejam cidadãos e saibam identificar os erros, o falso, o verdadeiro, as causas e as consequências, o bem e o mal, sempre

demonstrando as contradições e sintetizando o melhor caminho a seguir. Um dos instrumentos potentes para efetivar essas práticas educativas é o que os Estudos Culturais denominam Pedagogia Cultural presente nos artefatos midiáticos. Para Wortmann:

[...] todas essas produções conectadas penetram de forma cada vez mais intensa, rápida e constante no cotidiano dos sujeitos nessas sociedades da informação. E é em função disso, que ganha importância discutir como meios de expressão/produção cultural, tais como a televisão, o cinema e a literatura (um tipo de produção cultural que de certa forma nos poderia conectar a outros tipos de sociedade) valem-se dos muitos e diferenciados discursos que circulam em tais sociedades, instituindo múltiplas representações que passam a marcar os sujeitos e as suas visões de mundo (2004, p. 152-153).

Conforme Henning (2017) os instrumentos midiáticos podem ser considerados potentes produtos que produzem certas verdades e com isso contribuem muito fortemente para a criação de homens e mulheres no mundo contemporâneo. Ainda de acordo com a autora é preciso problematizar as HQs tomadas como material midiático pela recorrente circulação e utilização destes produtos nas escolas brasileiras. Muitos deles são indicados por professores de escolas públicas como materiais didáticos que podem servir de ferramenta para trabalhar a Educação Ambiental (EA). Diante dessas considerações o presente artigo se apropria de algumas ferramentas metodológicas a partir da análise do discurso em Michel Foucault para problematizar sobre as verdades que são potencializadas nos discursos fabricados nessa mídia. É pertinente afirmar que as mídias se constituem a partir da realidade dos acontecimentos e criam a realidade do mundo contemporâneo. Para Mayra Gomes (2003, p. 77):

[...] Enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira do mostrar, enquanto mostra ela controla pelo próprio mostrar. É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias não existe.

Em consequência disso interessa-nos problematizar o discurso de natureza relacionado a Educação Ambiental, ou seja, como vamos nos constituindo sujeitos a partir de discursos que instituímos como verdades em tempos de crise ambiental. Assumindo a Educação Ambiental como dispositivo (GARRÉ; HENNING, 2015) ativo em nosso mundo contemporâneo, questionamos ainda: Quais enunciações vêm sendo fabricadas e tomadas como verdade nas HQs analisadas? Como a natureza é enunciável e visível nos materiais investigados? Que enunciados podem ser criados/fabricados a partir das enunciações que propõem modos de existir e conviver com a natureza nos gibis do Chico Bento?

O período cronológico definido para analisar as séries dos gibis foi estabelecido a partir de acontecimentos que desencadearam a crescente necessidade da produção de um discurso ambiental como pauta indissociável de práticas de organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), além de Estados, governos, Organização Não-Governamentais (ONGs), empresas e agentes políticos vinculados a Partidos Políticos, movimentos sociais ou ao movimento ambientalista. Além desses espaços, é recorrente circular nas mídias, de um modo geral, formas contemporâneas de vivenciar os dilemas constituídos pela Modernidade, dentre eles, o da urgência de uma EA (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017). Com efeito, ações sustentáveis tidas como *conscientes* são determinadas com o objetivo de preservar o meio ambiente, instituir preceitos morais e justificar iniciativas que afirmam a importância de “sujeitos verdes” no mundo contemporâneo (GUIMARÃES, 2012).

Nesse contexto, desde a 15ª conferência da ONU sobre mudanças Climáticas (COP 15) realizada em Copenhague, na Dinamarca em 2009, notabilizada pelo grande número de participantes depois da Eco-92 no Rio de Janeiro, os chefes de Estado e governos de 192 países estiveram reunidos para definir uma agenda Ambiental. No Brasil, nesse mesmo ano, o governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva sancionou a medida provisória (MP) nº 458 que regulariza terras na chamada Amazônia Legal. Em seguida com a realização da COP 16 em 2010, no México em Cancun, houve a criação do fundo Verde que até 2020 deverá liberar 100 bilhões de dólares por anos para apoiar os países em desenvolvimento. A ONU elegeu 2010 como o “Ano internacional da Biodiversidade” e no Brasil foi sancionada a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) regulamentada pela lei 12.305. Algumas tragédias foram marcantes durante o ano de 2010, pois o terremoto no Haiti em Porto Príncipe resultou em 326 mil mortos, 350 mil feridos e 1,5 milhão de flagelados e no golfo do México quase 5 milhões de barris de petróleo vazaram e 11 pessoas foram vitimadas, um dos maiores desastres ambientais do mundo. Em 2011, o tsunami que passou pelo Japão devastou o país e 27 mil mortes foram registradas. No Brasil, as enchentes na região da serra do Estado do Rio de Janeiro produziram milhares de mortos e desabrigados. Além desses fatos, os ministros do Brasil, África do Sul, Índia e China reuniram-se em Belo Horizonte/MG, em um encontro preparatório para COP 17 que aconteceu em Durban, na África do Sul, em 2011, com o objetivo de estabelecer um consenso em torno da

prioridade do protocolo de Kyoto. Na reunião preparatória de Bonn, na Alemanha, todas as questões ficaram suspensas. Ainda em 2011, o governo brasileiro aprovou o novo código florestal permitindo o cultivo agrícola em áreas de preservação permanente. Já o ano de 2012 foi marcado por dois grandes eventos relacionados a questões ambientais: a Rio+20, voltada para a reunião das grandes lideranças mundiais em torno do comprometimento com o desenvolvimento sustentável do planeta, e a Cúpula dos povos que se caracterizou por acontecer como um evento paralelo e crítico às propostas de sustentabilidade discutida pelos participantes da Rio+20, configurando um espaço promovido pelos movimentos sociais.

Considerando esses acontecimentos como indicadores de limites que determinam a realidade do mundo contemporâneo nos últimos anos, sinalizando a iminência de uma crise ambiental que vimos experienciando, colocamos sob suspeita visibilidades e enunciações retiradas das HQs do Chico Bento. Localizamos no material selecionado um ponto de convergência, onde alguns desdobramentos do discurso ambiental são produzidos. Dentre tais desdobramentos, situamos a crescente importância que vimos dando à preservação da natureza entendida como uma só, universal, previsível em seus movimentos.

Fabricações em torno de uma natureza: tensionamentos do discurso do rural e do urbano nas HQs do Chico Bento

Algumas formas percebidas no discurso de natureza das HQs justificam e dão visibilidade a discursos recorrentes no campo de saber da EA. Esse enunciado é apresentando a seguir a partir de enunciações que o compõem e estão presentes nos ditos e nas visibilidades do material selecionado para análise. Dessa maneira, a constituição de tal enunciado é vista nesta proposta de análise como uma atualização do discurso moderno em seus aspectos humanista e racionalista, cujas verdades produzem efeitos práticos no cenário cultural, político, ambiental e educativo dos indivíduos. Nas HQs do Chico Bento, tal partícula do discurso – como nos ensina Foucault (2012) –, colocado aqui em envidência, é identificado na maneira de falar e agir dos personagens. Assim nas enunciações destacadas colocamos sob suspeita a marca antropocêntrica presente nos atos discursivos que ora apresentamos. Analisamos as formas que lhe conferem significado e demonstram seu funcionamento nessas histórias. Com isso, tomamos a descrição da natureza partindo de comparações entre aspectos que nas HQs materializam diferenças entre o mundo

rural e a realidade urbana. Esses modos de dar visibilidade a problemas ambientais evidentes na atualidade conduzem a críticas relacionadas à forma de organização da vida na contemporaneidade, inclusive, no que diz respeito à produção da natureza como ideal. Vimos assim a constituição desse enunciado como importante na medida em que descreve determinados modos de ser sujeito. As posições de sujeito (FOUCAULT, 2012)¹ identificadas pelos ditos aparecem sincronicamente em relação a acontecimentos da época contemporânea provocados por mudanças da natureza e das perspectivas nas relações políticas, econômicas e sociais que operam nos limites da nossa cultura. Apresentam-se assim, no contexto das formações discursivas, práticas que afirmam a necessidade da EA para despertar a consciência sobre como devemos lidar com a Natureza.

Diante disso, é interessante destacar a fabricação desse enunciado a partir dos cuidados e preocupações identificados nas enunciações selecionadas para sustentá-lo. Analisando os desdobramentos a respeito da natureza nas temáticas apresentadas no conjunto de histórias, temos percebido como são produtivos os fragmentos do discurso que definem o humano moderno, urbanizado e civilizado diante da natureza. Vejamos, por exemplo, o espanto e a objeção do personagem Seu Juca na HQ - “Turma da mata e seu Juca na Mata” - ao resolver deixar a cidade e exercer sua profissão de guarda florestal no interior. Diante da necessidade de lidar com as adversidades da natureza e enfrentar as situações preparadas pelos animais da mata, ele chega ao limite. E, ao contrário do que expressou sobre a perspectiva idealizada de trabalhar em um ambiente rural identificado com a natureza no início da história, contrapõe aspectos negativos desse ambiente assumindo uma opinião positiva a respeito da cidade, mesmo destacando os problemas existentes no espaço urbano. Assim, de acordo com o personagem do Almanaque do Chico Bento (2011, n. 30, p. 62):

Pra mim, chega!! Estou farto deste lugar Maluco!! Tô louco pra voltar pra cidade!!
Quando é que sai o próximo ônibus?!!
AH!! Cidade! Finalmente! Poluição! Trânsito! Corre-corre! Empurra-empurra! Chega de Bichos! Isto, sim é que é vida!.

¹ As posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhes é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo certo programa de informações; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo; está situado a uma distância perceptiva ótica cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente.

A enunciação citada acima, selecionada do *corpus* discursivo da HQ, explicita o quanto a natureza é constituída, dita, apresentada sempre em virtude do olhar humano, das sensações humanas, das necessidades humanas universalizadas. Esse olhar antropocêntrico e classificatório está implícito nas relações que fundamentam o modo de vida racional, moderno e, atualmente, globalizado. A partir desse entendimento, Raymond Williams (1989), em seu livro “O Campo e a Cidade: na História e na Literatura”, traz aspectos sobre esse tema que nos auxiliam a pensar a fabricação desse discurso a partir das condições de possibilidade instauradas pela modernidade. Para Williams (1989, p. 356):

É fácil separar o campo da cidade e, em seguida, distinguir as modalidades de literatura correspondentes: a rural ou regional e a urbana ou metropolitana. A própria existência dessas formas diversas, no século XX, em si já é significativa, como reação a uma história concatenada.

De acordo com essa lógica, ao colocar o humano num lugar de destaque – seja por amar a natureza, como muitas vezes Chico Bento é posicionado, seja degradingo-a, como aparecem na seleção de aspectos que caracterizam a cidade e os cidadãos –, as HQs assumem a máxima do Paradigma Moderno. Perguntamo-nos: esse não seria o limite do pensamento forjado nos desdobramentos da Modernidade? Segundo Latour (1994, p. 42),

Solidamente apoiado sobre a certeza transcendental das leis da natureza, o moderno pôde criticar e desvendar, denunciar e se indignar frente às crenças irracionais e as dominações não justificadas. Solidamente apoiado sobre a certeza de que o homem contrói seu próprio destino, o moderno pôde criticar e desvendar, denunciar e se indignar frente às crenças irracionais, às ideologias científicas, à dominação não justificada dos especialistas que pretendiam traçar limites à ação e à liberdade. A única transcendência de uma natureza que não é obra nossa, bem como a única imanência de uma sociedade que construímos por completo, iriam no entanto paralisar os modernos, por demais impotentes diante das coisas e por demais potentes frente à sociedade. Que enorme vantagem poder inverter os princípios sem que haja mesmo uma aparência de contradição. A natureza transcendente permanece, apesar de tudo, mobilizável, humanizável, socializável.

É importante considerarmos que as marcas modernas engendram-se, imiscuem-se e fabricam um determinado modo de vida, um certo modo de olhar para as coisas do mundo. Aqui, em especial, interessa-nos o olhar potencializado pelo discurso de natureza, perspectivamente, em seu viés produtivo, como luta para afirmar verdades. Com isso, percebemos esse olhar na intensidade dos combates, estando tensionado pelas forças políticas, sociais e econômicas em disputa atualmente no mundo.

Considerando desse modo, os cuidados com a natureza se fazem indispensáveis diante de um mundo urbanizado e desenvolvido que avança desordenadamente. É importante notarmos, ante isso, as principais críticas do personagem Chico Bento aos percalços vividos na cidade: poluição sonora, destruição da flora e da fauna, ritmo de vida acelerado desconsiderando o tempo “natural” das pessoas, individualismo acentuado etc, como demonstra o próprio dito: “come zoiando no relógio faz mar!” (ALMANAQUE DO CHICO BENTO, 2009, n. 17, p. 10). Nessa história – intitulada “Chico Bento em as coisas simples... –, destaca-se o modo como Chico Bento expõe a diferença cultural que define a perspectiva de cada um diante da natureza. O rural e o urbano aparecem quando ele enfatiza o descompasso do ritmo marcado pelo tempo do relógio, identificado a pressa dos cidadãos em acabar a refeição e, conseqüentemente, prevenindo-os do mal que isso pode causar.

Analisamos essa pequena enunciação suspeitando daquilo que ela afirma, enquanto uma duplicação de parte do discurso humanista contemporâneo. Ao criticar o ritmo da vida cotidiana na modernidade associada à realidade urbana, pensamos que essa relação não acontece de forma tão lógica, sinalizando, assim, para uma falta de interação entre a cultura urbana e a natureza – desconsiderando, inclusive, o próprio corpo como natural. O humano, nesse sentido, passa a ser vítima da desnaturalização promovida pela cultura civilizada, urbana.

A partir disso, concordamos com Amaral (2004) quando ela entende que é preciso pensar sobre a nossa relação de construção e desconstrução – enquanto indivíduo e coletividade – com a natureza. Atenta a esse desafio, a autora compreende que é preciso, entre outras coisas, empreender um movimento que implica olhar com um certo estranhamento para as “representações-verdades” assumidas como naturais em nossa sociedade e cotidianos, mas que limitam, organizam e disciplinam o que sabemos sobre o mundo. Portanto, “[...] essas representações, escondendo totalmente seu processo de produção, omitindo seu caráter de construção histórica, de contingência, passam a ser lançadas neste mesmo mundo que constroem com a própria realidade” (AMARAL, 2004, p. 146).

De acordo com o que a autora afirma, pensamos que devemos considerar alguns dilemas referentes à construção e à produção do que são o rural e o urbano na literatura, além de suas relações com a natureza em que esses dois termos aparecem. Então, apresentamos algumas formas cristalizadas nos discursos de natureza da modernidade que contribuem para educar nosso olhar. Essas formas de discurso são importantes para esta pesquisa, pois entendemos que, nas

HQs analisadas, aparecem enunciações que são desdobramentos e (ao mesmo tempo) fabricação desse discurso diante da atualidade. Conforme descreve Isabel Carvalho (2012, p. 95), a cidade, na modernidade é contraposta à natureza selvagem como o lugar da civilidade, das boas maneiras e do gosto refinado. Pessoas criadas na cidade eram consideradas mais educadas que aquelas que viviam no campo. O ideal de civilidade é o outro, cuja ordem era permanentemente ameaçada pela natureza. No entanto, Keith Thomas (1988) mostra, no livro “O Homem e o Mundo Natural”, a relação entre o campo e a cidade pensada numa relação inversa, em que nos séculos XVII e XVIII, diante dos efeitos da Revolução Industrial na Inglaterra, o rural – entendido como a vida no campo – era sinônimo de simplicidade e de anonimato. A cidade era vista como o lugar das extravagâncias, propícia às intrigas clandestinas, local da hipocrisia, dos vícios da avareza e da opressão. Na cidade se encontrava a sociedade mais sofisticada, as últimas modas e os vícios mais caros, era um espaço propenso a fofocas e adultério. De acordo com esse autor, “Em parte, portanto, o apelo do campo era negativo. Ele oferecia uma fuga dos vícios e afetações urbanos, um descanso para as tensões dos negócios e um refúgio contra a sujeira, a fumaça e o ruído da cidade” (THOMAS, 1988, p. 294).

Ressaltamos que essas duas formas de abordar as relações entre o rural e o urbano aparecem reinventadas nas HQs do Chico Bento. Nos quadrinhos, as histórias apresentam o mundo rural como um refúgio onde a natureza e aqueles que vivem no mundo rural oferecem soluções inesperadas, surpreendendo aqueles que não a conhecem. Enquanto isso, a cidade deixa de ser percebida como o único lugar de pessoas espertas e dotadas de um saber. Há uma oposição afirmada no discurso. Cito, como exemplo, o pensamento expresso pelo primo do Chico Bento em uma conversa entre eles, na história: “Nem tudo é o que parece”. A seguir, o desdobramento do discurso na enunciação selecionada: “A gente tem muito a aprender com a natureza! E eu pensava que quem vive na cidade é que era esperto! As coisas na roça também não são sempre o que parecem, né, Chico?” (CHICO BENTO, 2013, n. 81, p. 53).

Outra perspectiva que desenvolve traços do discurso também percebidos nesse fragmento tomado como enunciação é aquela que apresenta problematizações em torno das questões de desenvolvimento, progresso, evolução. Esses termos são relacionados a problemas decorrentes de um olhar duplicado que parte de uma questão central para o pensamento humanista moderno. O humano em ação como sujeito instituinte do real divide-se e, por vias opostas ou complementares, retorna ao mesmo ponto de partida, encerrando-se nele mesmo. Ou seja, os

homens e mulheres precisam utilizar a natureza a seu favor para desenvolver as conquistas da sociedade e, ao mesmo tempo, se conscientizar, evitar desperdícios, buscar o equilíbrio ambiental e salvar a natureza para garantir que os recursos não sejam esgotados, além de impedir o predomínio humano sobre outras formas de vida. Os humanos devem aprender com a natureza e ser espertos o bastante para continuar no centro executando seus projetos de forma lógica, sistemática, linear e contínua, sem limites, brechas – enfim, desconsiderando a possibilidade de outras histórias possíveis. Sem história viva, sem interferências, sem catástrofes, sem desafios capazes de deslocá-los e sem outras possibilidades de pensamento que apontem para diferenças. Analisando por esse ângulo, o rural está constantemente envolvido pelo urbano como parte indissociável e, nesse sentido, perguntamos que espaço há no discurso para considerarmos a produção de diferenças naturais e culturais em torno das singularidades existentes entre a cidade e o campo. Que conjunto de ações evidencia e potencializa a afirmação desses discursos que classificam a natureza a partir dos usos que estabelecem para ela? Qual é a história efetiva que movimenta e atualiza o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento?

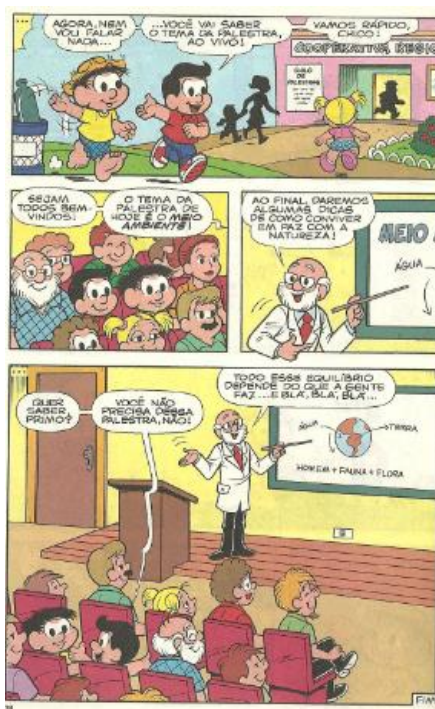
Quando a natureza é apresentada, surgem, nesse movimento, questões ambientais como problema e, dentro desse cenário, a natureza aparece como objeto a ser salvo, sinalizando para a necessidade de adotarmos um estilo de vida mais “natural”, capaz de freiar o modo de vida frenético, muitas vezes caracterizado pelas peculiaridades da vida urbana. As cenas enunciativas que se afiguram nas páginas dos gibis são constituídas por essas formas pré-estabelecidas de reconhecimento, ou seja, somos ensinados a olhar para a natureza partindo desses problemas. Nas HQs do Chico Bento, essa forma de conhecimento pré-estabelecida é claramente identificada. Ela também pode ser vista em livros didáticos quando trazem assuntos sobre meio ambiente, em jornais, revistas, programas de televisão, telejornais, enfim, em toda uma série de artefatos culturais que direcionam nossa visão apresentando determinadas formas de compreender o que é a Natureza e como devemos nos comportar diante dela (AMARAL, 2004; HENNING; GARRÉ; VIEIRA, 2013). Nas histórias abaixo, podemos analisar enunciações e visibilidades que demonstram esse discurso pré- estabelecido.

Figura 1 - Chico Bento Na Cidade



Fonte: CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2013. n. 75, p. 15.

Figura 2 - Chico Bento em professor por natureza



Fonte: CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2013. n. 66, p. 28.

A imagem na HQ da figura 1 apresenta a cidade poluída com lixo jogado na calçada, nuvens acinzentadas, escapamento de um ônibus emitindo fumaça poluente e as chaminés da fábrica contaminando o ar com a liberação do vapor das máquinas. Chico Bento aparece logo em seguida, com suas malas, retornando ao ambiente rural e decepcionado com o que viu na cidade. Nessa enunciação, os aspectos de uma vida saudável – associada ao ar livre e puro, às árvores e ao verde –, indicando um ideal de natureza, estão explícitos e expressam um olhar recorrente orientado pela formação discursiva que dá sentido ao enunciado.

Com isso, compreende-se o enunciado da fabricação de um discurso de natureza a partir das relações entre rural e urbano como parte constituinte de uma formação discursiva determinada, contingente aos problemas que nos atravessam, apontando para peculiaridades que são restritas, que denunciam e dão visibilidade aos fatos da realidade contemporânea. O material empírico utilizado para sustentar esse enunciado expõe, de maneira concreta, a pertinência do discurso de natureza como elemento potente na fabricação do olhar dos indivíduos para práticas direcionadas – no sentido de afirmar propostas que se vinculam diretamente à Educação Ambiental. Portanto, tais práticas são atravessadas por um saber emergente no atual momento histórico. Como Foucault (2013, p. 117) nos ensina:

A análise das formações discursivas e de seus sistemas de positividade em relação ao elemento do saber concerne somente a certas determinações dos acontecimentos discursivos. Não se trata de constituir uma disciplina unitária que se substituiria a todas essas outras descrições do discurso e os invalidaria em bloco. Trata-se, antes, de dar seu lugar a diferentes tipos de análise já conhecidos, e frequentemente praticados há muito tempo; de determinar seu nível de funcionamento e eficácia; de definir seus pontos de aplicação; e de evitar finalmente as ilusões às quais eles podem dar lugar.

Dessa forma, procuramos analisar a enunciação extraída da figura nº 2, em que Chico Bento e seu primo vão assistir a uma palestra – proferida por um professor ou cientista de jaleco branco – sobre o meio ambiente e os cuidados para preservar a natureza. No dito do professor ou cientista, a natureza é situada como um objeto dependente da ação humana e reduzida a interesses humanos. A análise dessa situação permite identificar no discurso o momento de constituição e reconhecimento do sujeito, visto que aqueles que leem são assujeitados, persuadidos a pensar e olhar para o dito do cientista, a sentença capaz de enunciar a crítica e objetificar a ação diante do natural. Esse movimento é demonstrado pelas seguintes enunciações retiradas dos ditos do personagem: “Ao final, queremos algumas dicas de como conviver em paz com a natureza” (CHICO BENTO, 2013, n. 66, p. 28); e, em seguida: “Todo esse equilíbrio depende do que a

gente faz... e blá, blá, blá” (CHICO BENTO, 2013, n. 66, p. 28). Aqui, transparece o discurso fabricado, atualizando uma perspectiva cultural racionalista, transcendental, própria de uma sensibilidade que procura definir de antemão o futuro e a preservação da espécie humana. De acordo com Meyer (2008, p. 203),

[...] O ser vivo, por meio dos sentidos, interage com a natureza num fluxo contínuo de vivências. No ser humano, a fala e a escrita são uma expressão viva e elaborada da percepção e do pensamento, fracionando, dividindo, fragmentando o vivido. E ao mencionar a natureza, comumente se afasta e se destingue, como se não fizesse parte dela. O ser humano, posicionando-se no centro, refere-se à natureza como algo, coisa, objeto ao seu redor .

Nas HQs sob análise, a natureza do caipira, do pequeno agricultor, do colono ou do camponês, que podem ser também identificados como populações tradicionais, são reduzidas ao estereótipo da figura de Chico Bento. Esse personagem é culturalmente idealizado pelo uso da linguagem visual e escrita como um ingênuo que, ao expressar seus desconfortos, denuncia ações humanas inconsequentes, inaceitáveis diante da bela natureza. Isso é traduzido em críticas ácidas ao artificialismo que acompanha o avanço do desenvolvimento urbano, o uso das tecnologias e as formas industrializadas que invadem o espaço rural, alterando os modos de vida “natural” dessas localidades. O sítio é um dos espaços que dá visibilidade a essa crítica, visto que busca um exemplo de natureza na rusticidade do mundo rural – em contraponto aos aspectos relacionados à urbanidade.

Com isso, pretendemos dar a ver como há, nessas HQs, um discurso de natureza que se articula a uma prática cultural moderna limitada a classificar, ordenar e restringir os fatos, identificando-os a uma posição ou outra – nesse caso, atribuída ao espaço urbano ou rural. Considerando esses discursos como estratégias de lutas e afirmação de verdades, os indivíduos são tensionados a se fazerem sujeitos, a criar e agir no sentido de “salvar” a natureza. Enfatiza-se, dessa forma, o entendimento de que a sociedade modernizada, urbanizada, parece não se preocupar com a Educação Ambiental e com a preservação da natureza. Isso se evidencia na seguinte enunciação, de Chico Bento (2009, n. 28, p. 36-37): -“É o tal do aquecimento global! O clima da terra está mudando... onde fazia frio, está esquentando... E em alguns lugares, onde fazia calor, está fazendo frio, tendo temporais... culpa do homem, que está acabando com as florestas, com a água [...]”.

Assim, formas historicamente definidas de pensar são ensinadas por práticas culturais que atravessam a sociedade e tem nos artefatos midiáticos um meio de criação e propagação: “[...]”

essas operações se equacionam em torno de um possível sendo projetado e que, por conta dessa função, pertencem a uma única dimensão. Trata-se, nessa projeção de possíveis, de um cálculo: o cálculo de um outro olhar” (GOMES, 2003, p. 22).

Ao apresentarem determinadas ações idealizadas configurando maneiras de ser e estar no mundo, essas enunciações expressam comportamentos díspares, muitas vezes descontraídos, porém, definitivos na especificidade que caracteriza o problema como histórico e singular. Nesse sentido, o enunciado de um discurso de natureza fabricado no limite das diferenças naturais e culturais que separam o rural e o urbano apresenta características pedagógicas que provocam efeitos, contribuem para a construção de sentidos e instituem verdades. Sendo assim, exercem papel ativo na produção de significados sobre o que diz respeito à natureza. A enunciação a seguir é um exemplo afirmativo do que está posto: “Num tem nada como o sussego da roça! Aqui num tem as preocupação da cidade grande! Nada di correria, trânsito ingarrafado [...]” (CHICO BENTO, 2011, n. 51, p. 14).

No contexto deste artigo, as enunciações potentes para analisar e sustentar o enunciado proposto são parte do processo criativo e operam no ponto extremo da diferenciação que atualiza a funcionalidade do enunciado no discurso de natureza. Para Foucault (2012, p. 116), “Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”.

Nesse caso, é preciso estranhar as sensibilidades destacadas nas enunciações. Sobressaem-se atitudes comprometidas com a valorização de uma natureza ruralizada como solução para conflitos de todos os tipos, sinalizados no ambiente urbano – conforme lemos no presente dito: “Como guarda florestal, estou longe de todos os problemas da cidade! Poluição, correria, falta de tempo [...]” (ALMANAQUE DO CHICO BENTO, 2011, n. 30, p. 49). No contexto dessa enunciação, o rural e o urbano são traduzidos, materializados na possibilidade de exercer a profissão de guarda florestal como algo tranquilo, próximo da natureza e dos animais e na adjetivação da cidade, definida pelos aspectos negativos a ela atribuídos. Esse olhar se desenvolve, em parte, como uma nova funcionalidade do discurso de natureza constituído ao longo da modernidade. A favor dessa perspectiva, nos apropriamos das contribuições de Isabel Carvalho (2005), no que diz respeito a considerar o papel da natureza no contexto das novas sensibilidades presentes nos discursos. Diante desse caminho, segundo a autora, é produzido um

imaginário ecológico, muitas vezes colocando a natureza como contraponto da vida urbana, combinando uma visão arcádica com sentimentos românticos de contestação. Para Williams (1989, p. 387), o campo e a cidade são realidades históricas,

No entanto, as ideias e imagens do campo e da cidade ainda conservam sua força acentuada. Esta persistência é tão significativa quanto a grande variedade, social e histórica, das idéias em si. O contraste entre campo e cidade é, de modo claro, umas das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade.

Diante desses limites históricos e culturais que emergem na superfície dos problemas apreendidos pela análise do discurso, os estudos culturais nos remetem à importância de atentarmos para a dinâmica cultural não como uma identidade fixada, representativa, reprodutiva, mas num viés pós-estruturalista, como formas que se tornam verdadeiras devido a serem colocadas em funcionamento, produzindo acontecimentos. Como salienta Wortmann (2010), partindo das proposições pós-estruturalistas, nos constituímos como sujeitos nas práticas, nas produções e nas instituições culturais com as quais interagimos ao longo de nossas vidas. Assim, a cultura não deve ser entendida apenas como extensão necessária da natureza e tampouco implica reduzir o ambiente a um pano de fundo a serviço de um melhor entendimento do mundo contemporâneo. Parece necessário compreendermos significados presentes nas práticas culturais em confronto com narrativas que afirmam a coesão e a essência do que tem sido configurado como natural. Segundo Wortmann (2010, p. 20),

[...] muitas dessas narrativas não apenas conferem um valor intrínseco ao chamado mundo natural, mas, igualmente evocam a existência de uma força criadora que dele emanaria. Já em outras narrativas voltadas a conferir importância à preservação, é evocado, e até exacerbado, o medo das catástrofes, sendo possível dizer que essas atuam na reorganização de certas visões utilitaristas acerca dos entes e seres do planeta, tão presentes em formas modernas de pensar o mundo natural.

Dessa maneira, procuramos esclarecer como os termos urbano, rural e cultura se destacam e sustentam uma análise mais criteriosa da fabricação do discurso de natureza empreendido neste artigo. Ao urbano estão relacionadas as características implícitas ao processo de urbanização desenvolvido na modernidade ocidental, bem como as formas de viver os problemas nele contidos. Considerando essa definição do fenômeno urbano, algumas formas presentes no discurso analisado corroboram e desdobram esse conhecimento, conforme a seguinte enunciação retirada da história - Chico Bento em aquela saudade do sítio! (CHICO BENTO, 2009, n. 36, p. 50):

Que cara é essa, Chico?
Você não tá curtindo a cidade não?
Inté tô primo! Mais é qui quando eu oio tanta coisa colorida,
tanto movimento, tanta arrelia, eu só mi alembro do sítio!

Esse trecho do diálogo entre Chico Bento e seu primo acontece no meio de uma rua movimentada da cidade e, em seguida, a diversidade de sons e confusões da cidade passam a despertar em Chico Bento a saudade das coisas, animais e pessoas do sítio. Uma outra prática cultural é afirmada a partir de elementos da natureza que persistem nas comparações – por exemplo, uma “montoeira” de carros parados faz o personagem se lembrar das vacas no pasto (CHICO BENTO, 2009, n. 36, p. 51). Tais diferenças culturais explícitas nos remetem a pensar o que é o rural e, nesse sentido, o significado que atribuímos a esse termo no texto diz respeito às práticas relativas ao cotidiano, ao modo de vida dos indivíduos que vivem no campo e tomam a natureza como referência determinante para justificar suas ações e posições de sujeito. No caso das HQs sob análise, a concepção de natureza vinculada ao rural está bastante identificada com os aspectos assinalados por Meyer (2008, p. 101):

A integração do ser humano com a natureza fica bastante visível nas comunidades que, afastadas e isoladas dos grandes centros urbanos, estabelecem uma relação de extrema intimidade com o ambiente em que vivem. As tarefas e os rituais diários são regulados pelo ritmo biológico e cultural do corpo e da vida em comunidade, em consonância com o ritmo da Natureza.

Ainda acompanhando o pensamento da autora, Meyer (2008) sugere que a relação entre natureza, cultura e corpos permite outras compreensões, envolvendo a perspectiva da constituição de um ser humano integrado na natureza, colocando-a como sujeito, mãe, sobrenatural e espiritual. Por isso, o conceito de cultura utilizado para este estudo é pensado como criação e diferenciação de formas atravessadas pela contigência, pelo acontecimento, pela materialidade das necessidades manifestadas no presente. Não há uma preocupação em interpretar o significado do discurso dentro de uma cultura homogênea, pré-existente, e sim pensar o que ele está afirmando enquanto fabricado e atravessado por uma multiplicidade de práticas. Portanto, o conceito de cultura passa por uma leitura não essencialista, relacionada à história do presente e imersa em relações de poder dispersas que se encontram num contexto histórico dado, específico, singular. Assim sendo, a relação entre as formas culturais vivenciadas no campo típicas da realidade rural e as práticas urbanas características da vida na cidade são vistas enquanto afirmadas por enunciações que demonstram uma idealização em torno de verdades sobre a

natureza. Potencializado pela emergência do campo do saber da Educação Ambiental, o sucesso desse discurso de natureza nas HQs do Chico Bento permite afirmar a importância desse artefato cultural, pois, de acordo com Wortmann (2010, p. 19),

Pode-se dizer que questões ambientais ganharam proeminência nos tempos atuais. Então, pensá-las em uma perspectiva que atribui centralidade à cultura, se, por um lado, não condiz com as proposições que veem a cultura como uma extensão necessária da natureza, por outro não implica, apenas, considerar o ambiente como um pano de fundo para proceder-se a um melhor entendimento do mundo contemporâneo.

Desse modo, o enunciado da fabricação de um discurso de natureza mostra o quanto a linguagem dos quadrinhos procura trabalhar em sintonia com outras linguagens a partir de estratégias pedagógicas. Uma característica importante nas condições de possibilidades que produzem o olhar sobre a natureza é a relação estabelecida com os usos do tempo e do espaço associados à noção de equilíbrio. Assim, algumas formas expressas nos ditos sobre a cidade, retirados das HQs do Chico Bento, afirmam o desequilíbrio a partir da crítica aos ritmos e espaços urbanos reservados à natureza, acenando para os benefícios da vida rural próxima às árvores, ao verde, aos animais domesticados e num ritmo medido pelo tempo natural. “Ah! Natureza!! Aqui, tenho ar puro, tranquilidade e paz!” (ALMANAQUE DO CHICO BENTO, 2011, n. 30, p. 49).

A posição demarcada por esse fragmento do discurso reverbera formas da compreensão moderna de natureza, ou seja, imersa na polarização. Analisando o dito acima, a partir de Carvalho (2012), consideramos que a sensibilidade expressa está baseada num ideal de natureza entendida como reserva de bem, beleza e verdade. São decisivos os valores morais empreendidos nesse posicionamento, pois os sujeitos desse discurso, ao enaltecerem o estilo de vida rural, fazem-no demonstrando as distorções da vida na cidade e criticando as intervenções humanas na natureza – o que também pode ser percebido na seguinte enunciação: “É que eu decidi dar um tempo da loucura da cidade! Longe do ti titi! e junto da mãe Natureza!” (CHICO BENTO, 2011, n. 57, p. 23).

Nesse sentido, há, no discurso de natureza das histórias em quadrinhos, verdades afirmadas por outros discursos e pelo saber constitutivo da EA como um dispositivo no mundo contemporâneo. Para Carvalho (2013, p.103),

[...] O ambiental passou a ser sinônimo de causas restritas, vinculadas às preocupações com os desperdícios diversos, o esgotamento de matérias-primas, o aquecimento global e as questões que envolvem os processos de degradação da natureza, em uma concepção que parece interessar sobretudo aos interesses de manutenção dos atuais esquemas produtivos, preocupados com o esgotamento futuro das diversas matérias primas que utilizam para seus negócios de agora, e que desejam ver perpetuados para as próximas gerações.

A partir do exercício desse olhar voltado para as HQs enquanto artefato cultural midiático bastante produtivo, tomamos as enunciações que formam o enunciado apresentado nesse artigo como efeitos de um discurso de Natureza recorrente na literatura moderna, atualizados por saberes que fazem da Educação Ambiental um campo de saber cada vez mais presente na sociedade e na cultura do mundo contemporâneo.

Considerações finais

O exercício analítico produzido neste texto voltou seu olhar para a análise do discurso de natureza nas HQs do Chico Bento, entendendo-o como um artefato cultural midiático que educa e produz formas de ser sujeito na atualidade. Colocamos sob suspeita as verdades que afirmam o que é a natureza. Evidenciamos, dessa forma, as enunciações e visibilidades que dão funcionalidade ao enunciado de uma natureza fabricada nos deslocamentos operados pelas diferenças culturais entre as realidades rural e urbana. Assim, ao analisarmos as histórias em quadrinhos, verificamos que elas passaram a ser entendidas como um artefato cultural que propõe ações, identifica problemas e exerce um papel educativo. Por isso a importância de selecioná-las. Conforme as temáticas apresentadas no conjunto de histórias selecionadas, vimos como são críticos os sinais que definem os humanos na modernidade, urbanizada e civilizada, pois ele é visto como um mau exemplo de conduta no trato com a natureza. Através da exaltação dos modos de vida rural, aponta-se para uma ação correta frente a uma natureza machucada, ferida, mal cuidada. Os cuidados com a natureza e a necessidade de uma EA se fazem indispensáveis diante de um mundo urbanizado e desenvolvido cada vez mais visível. Percebemos que isso transparece nas principais críticas do personagem Chico Bento aos percalços vividos na cidade.

Para finalizar esse artigo convém ressaltar que nosso propósito ao problematizar os ditos e as visibilidades presentes no enunciado apresentado como parte do discurso de natureza analisado nas HQs do Chico Bento é dar visibilidades a outros modos de pensar nosso trabalho enquanto educadores ambientais. Talvez, provocar o pensamento pelo exercício da escrita seja

uma das possíveis saídas que tenhamos para criar e despertar outros olhares e dizeres na seara da Educação Ambiental.

Referências

ALMANAQUE DO CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2009. n. 17.

ALMANAQUE DO CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2011. n. 30.

AMARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 143-171.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. *In*: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 51-64.

CARVALHO, Marcos B. **O que é natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2009. n. 28.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2009. n. 36.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2011. n. 51.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2011. n. 57.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2013. n. 66.

CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, 2013. n. 81.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. v. II.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Visibilidades e enunciabilidades do dispositivo da educação ambiental: a revista *Veja em exame*. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis v. 8, n. 2, p. 53-74, jun. 2015. Disponível em:

PINHO JUNIOR, Sérgio Ronaldo; HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virgínia Tavares. A natureza entre o rural e o urbano: educação ambiental e fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n2p53>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos verdes. *In*: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. (org.). **Estudos culturais e educação**: desafios atuais. Canoas: ULBRA, 2012. v.1, p. 219-232.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores; Edusp, 2003.

HENNING, Paula Corrêa; GARRÉ, Bárbara; VIEIRA, Virginia Tavares. O discurso da crise ambiental na atualidade: ferramentas metodológicas da análise do discurso foucaultiano em evidência. *In*: HENNING, Paula Corrêa; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Diálogos na educação em ciências**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 103-110.

HENNING, Paula Corrêa. Límites y posibilidades de la educación ambiental. **Bajo Palabra. II Época**, Madrid, n. 17. p. 341-358, 2017. Disponível em: <https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/8808/9191>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza**: a natureza em Guimarães Rosa. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RATTO, Cléber Gibon; HENNING, Paula Corrêa; ANDREOLA, Balduino Antonio. Educação ambiental e suas urgências: a constituição de uma ética planetária. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1019-1034, jul./set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000301019&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2019.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A educação ambiental em perspectivas culturalistas. *In*: CALLONI, Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada Correa da. **Contribuições à educação ambiental**. Pelotas: Editora Universitária/ UFPel, 2010. p. 13-37.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Por que se valer do cinema, da mídia, da literatura, da televisão para discutir a natureza/ambiente? *In*: ZAKRZEWSKI, Sônia B.; BARCELOS, Valdo (org.). **EA e compromisso social**: pensamentos e ações. Erechim, RS: Edi-FAPES, 2004. p. 147-161.